

Rio

Diretor da FGV, Marcelo Neri diz que cidade deve aproveitar momento olímpico para atrair talentos PÁGINA 10

ENTREVISTA Marcelo Neri

'O Rio sofreu uma transformação em sete anos'

Pesquisador e diretor da FGV Social, economista Marcelo Neri defende legado da Olimpíada e afirma que o futuro do Rio passa por atrair talentos e pelo desenvolvimento de vocações nas áreas de turismo, serviços e cultura

GUSTAVO SCHMITT
gustavo.schmitt@oglobo.com.br

Se há um tema palpitante neste período pré-Olimpíada, trata-se da discussão sobre o legado dos Jogos. Afinal, o que a cidade ganhou ao sediar a Rio 2016? Por um lado, há mudanças visíveis nas ruas, mas, por outro, não faltam questionamentos sobre a sustentabilidade dessas transformações a longo prazo. Contudo, o economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social, garante que há legado, sim, e que os investimentos nos Jogos já tiveram reflexo na melhora de indicadores de

educação, serviços públicos e, principalmente, renda. Neri analisou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad e Pnad contínua) e abriu dados inéditos do IBGE sobre indicadores sociais dos municípios. De acordo com o pesquisador, entre 2008 e 2016, a renda do trabalho dos 5% mais pobres cresceu 29,3%, e a dos 5% mais ricos, 19,96%. Sustenta ainda que o crescimento da renda domiciliar per capita no Rio alcançou 30,3%, ao se comparar os primeiros trimestres de 2008 e 2016, passando de R\$ 1.515 para R\$ 1.974, descontada a inflação.

●O que a cidade ganha ao realizar os Jogos Olímpicos?

O principal aspecto que destaco é a força de se ter um projeto que una as pessoas em torno de uma causa, como os três níveis de governo (municipal, estadual e federal),

além do setor privado. O Rio vinha numa involução de 40, 50 anos. Ficávamos saudosistas, olhando para a velha Guanabara. Houve uma virada. Os indicadores sociais, que antes vinham caindo, neste período pré-Olimpíada passaram a melhorar. Em outubro de 2009, houve o anúncio de que a cidade sediaria os Jogos. No entanto, o salto teve início em 2013, quando o Rio começou a crescer sem parar. Pode-se creditar isso a um efeito Olimpíada.

● **O que o senhor destaca de melhora neste período? Quais foram os principais legados?**

O Rio foi a melhor capital quando comparamos a renda individual do trabalho (ganhos com trabalho, divididos pela população economicamente ativa, de 15 a 60 anos). Entre maio de 2013 e o mesmo mês de 2016, o Rio foi a cidade que mais cresceu: 5,33% ao ano. Além disso, em 38 indicadores de serviços públicos, habitação, transporte, inclusão digital, educação, trabalho e desenvolvimento social, a cidade olímpica evoluiu em 36 e houve retrocesso em apenas dois, no período de 2008 a 2016. Outro indicador revela que a pobreza medida na pesquisa (renda de R\$ 206/mês) caiu de 5,71% para 2,09% da população, entre 2008 e 2016. Nos demais municípios do Grande Rio, a queda foi 9,28% para 5,75%.

● **Houve algum resultado expressivo na educação?**

Os anos de estudo, no Rio, saltaram de 7,91 para 8,67, de 2008 para 2014. Na periferia, de 6,62 para 7,09. Na capital, 44,16% das crianças de 0 a 4 anos estão em creches — pouco menos da metade em unidades públicas —, e quase a totalidade dos meninos de 5 a 9 anos (97,97%) frequentam a escola. Também houve avanço na frequência escolar de alunos na rede municipal e aumento na cobertura das creches. Isso é um grande investimento para liberar as mães para o mercado de trabalho. Em média, a renda das mães que têm os filhos matriculados em creches aumenta R\$ 120.

● **Quais indicadores pioraram?**

Constatamos piora na área de

transporte, mas no período de 2008 a 2014. Ainda não temos informações dos últimos dois anos, quando foram inauguradas obras de corredores de ônibus e, mais recentemente, do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e da Linha 4 do metrô (Ipanema-Barra). De acordo com a pesquisa, o tempo de deslocamento casa-trabalho do Rio é o pior do Brasil. Perde até para São Paulo. Em 1992, o tempo médio era de 38 minutos. Em 2008, houve um salto para 41,4 minutos. Em 2014, a viagem entre casa e trabalho chegou a 47 minutos. Ou seja, o trabalhador passou a gastar em média quatro horas e meia a mais por mês por conta dessa piora. E isso afeta os indicadores de educação, saúde e trabalho.

● **O que será da cidade após os Jogos Olímpicos?**

Precisamos de uma agenda pós-Olímpica. O Rio é a capital mais envelhecida do país. Este ano foi o primeiro em que as pesquisas mostraram queda da população em idade ativa. A reforma que o país deve fazer na previdência vai nos afetar muito fortemente. O Rio é a capital que tem a maior proporção de idosos e onde a renda de aposentadoria impacta mais, já que a maior parte ultrapassa um salário mínimo. O Rio é o espelho do Brasil no futuro. Então, acredito que é importante incorporar essa agenda de ser uma cidade que promove saúde. Uma espécie de Flórida (nos Estados Unidos) brasileira. A Flórida se especializou em atrair idosos, não só para atividades curativas, mas preventivas.

● **Que outras vocações a cidade poderia desenvolver?**

Essa forma como a Olimpíada foi feita, por meio de Parcerias Público Privadas (PPPs), é um modelo, um piloto. É importante também ser criativo e desenvolver produtos e serviços nas áreas de maior vocação, como turismo e cultura.



“O Rio vinha numa involução de 40, 50 anos. Ficávamos saudosistas, olhando para a velha Guanabara. Houve uma virada”

● **Qual a sua visão de futuro do Rio?**

O olhar para o futuro passa por cuidar bem de nossas crianças, oferecendo creches e educação em tempo integral. É preciso ainda atrair talentos, sejam cariocas que deixaram o Rio, sejam pessoas de fora, estrangeiros. Atrair de volta os filhos da terra, fazê-los voltarem para cá, seja para o mercado de trabalho ou, pelo menos, como idosos.

● **O Rio corre o risco de sofrer uma quebradeira na economia devido aos gastos com a Olimpíada, assim como ocorreu em Atenas?**

Não é a mesma situação de Atenas, porque foi feito um ajuste fiscal, e as contas do município melhoraram. Basta comparar com as outras capitais do país. Muitos investimentos também foram feitos a partir de PPPs. Então, não se abriu flanco para esse tipo de situação.

● **O senhor está otimista com relação à organização dos Jogos Olímpicos? Acredita que o Rio passará uma imagem positiva ao mundo, após uma série de incidentes, como os problemas na obra da Vila dos Atletas?**

É uma questão de nós reconhecermos de onde saímos, já que não somos um país de Primeiro Mundo. Apesar disso, o Rio sofreu uma transformação profunda nos últimos sete anos. E, de fato, os Jogos deixaram um legado. O Rio continua lindo e se tornou em um lugar melhor. Embora esse conceito de cidade olímpica seja elitista e turístico, o carioca está vendendo e vivendo essas transformações da cidade. A Olimpíada é uma grande festa, e fazer festa é algo de que o Rio entende. ●



FABIO SEIXO/10-8-2015

População idosa. "A reforma da previdência vai nos afetar fortemente", comenta Neri